

CONFLITO IDENTITÁRIO: UMA LEITURA BÍBLICO-TEOLÓGICA, PASTORAL E MISSIOLÓGICA SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

Denise da Silva Barbosa Miranda ¹

RESUMO

O presente artigo busca refletir sobre os desafios da evangelização em contextos de conflito moral e identitário, destacando a necessidade de uma formação integral que tenha fundamento bíblico, preparo pastoral, sensibilidade cultural e respaldo científico. Em tempos de crescente relativização da verdade, torna-se urgente que a igreja reafirme a cosmovisão cristã como resposta coerente às demandas da sociedade contemporânea. A análise aponta que, enquanto a Escritura revela a dignidade do corpo humano e a verdade sobre a sexualidade como dádivas divinas, a cultura atual frequentemente opera sob uma lógica dualista que fragmenta a pessoa e separa identidade de biologia. A partir da contribuição de estudiosos cristãos, bem como de pesquisas científicas que confirmam a objetividade do sexo biológico, demonstra-se que a fé cristã não se limita a um discurso normativo, mas oferece um caminho de integração, restauração e esperança. Conclui-se que uma abordagem de evangelização que seja bíblica, empática e consciente tem maior potencial para comunicar a verdade de Cristo em amor, ressignificando debates contemporâneos e fortalecendo a missão da igreja no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Evangelização. Identidade. Sexualidade. Bíblia. Cultura. Ciência.

ABSTRACT

This article explores the challenges of evangelism amidst moral and identity conflicts, highlighting the need for holistic training that combines a solid biblical foundation with pastoral readiness, cultural sensitivity, and scientific backing. In an era of increasing moral relativism, it is urgent for the church to reaffirm the Christian worldview as a coherent answer to contemporary cultural issues. The analysis shows that while Scripture affirms the dignity of the human body and presents sexuality as a divine gift, modern culture often operates on a dualistic mindset that fragments the individual and separates identity from biology. Drawing on the work of authors like Nancy Pearcey and Rebecca McLaughlin, alongside scientific research affirming the objectivity of biological sex, this paper demonstrates that the Christian faith is more than just a set of prescriptive rules; it offers a path to integration, restoration, and hope. Ultimately, an approach to evangelism that is biblical, empathetic, and well-informed is best equipped to communicate the truth of Christ in love, reframing modern debates and strengthening the church's mission in the world.

KEYWORDS: Evangelization. Identity. Sexuality. Bible. Culture. Science.

¹ Bacharela em Teologia pelo Centro Universitário Maciço de Baturité - UNIMB

1 INTRODUÇÃO

O tema deste artigo é, em grande parte, pouco discutido em muitos contextos do meio cristão evangélico. Essa ausência de diálogo contribui para certa dificuldade em sua abordagem, seja por falta de preparo bíblico e teológico, seja pela complexidade social que envolve o assunto. Tal lacuna pode levar cristãos com determinadas inclinações a se sentirem confusos, e, por outro lado, pode tornar pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIAP+ quase inalcançáveis pela evangelização, já que esse grupo possui conceitos bem estabelecidos acerca de identidade sexual e, em geral, reage com resistência a posicionamentos contrários.

Entre muitos cristãos evangélicos, a homossexualidade e outras expressões de diversidade sexual são vistas apenas como pecados graves, que, por sua complexidade, quase não são mencionados em púlpitos ou espaços de ensino em comunidades tradicionais. Entretanto, é necessário compreender que a prática sexual fora dos parâmetros bíblicos — seja no adultério, na lascívia, ou em relacionamentos homoafetivos — é igualmente pecado diante de Deus, mas também igualmente passível de abandono pela graça do Senhor e pela vivência de uma vida piedosa em Cristo.

A fé cristã se fundamenta na convicção de que Deus criou homem e mulher, estabelecendo neles a identidade original. O que ultrapassa esse padrão surge de pensamentos e inclinações que, quando alimentados, podem transformar-se em identidades distorcidas. Todavia, características biológicas, hormonais ou tendências pessoais não determinam, por si só, quem alguém é diante de Deus. Da mesma forma que um indivíduo inclinado ao adultério não pode assumir para si essa identidade sem regeneração, também a inclinação homossexual não deve ser encarada como destino irreversível.

Os argumentos teológicos não se constroem a partir de “receitas de bolo” ou opiniões pessoais de teólogos, mas da Palavra de Deus, inspirada e imutável. É nesse fundamento que a igreja encontra respaldo para afirmar a verdade com amor. Negar a esperança do evangelho àqueles que se encontram perdidos — cegos, guiados por outros cegos (Mt 15.14) — é negar o próprio coração da missão de Cristo. Muitos seguem uma concepção deturpada de amor, trilhando caminhos que conduzem à perdição eterna; por isso, o testemunho cristão precisa ser claro, firme e empático.

Diante disso, torna-se urgente que a igreja analise esse cenário e busque conhecimento mais profundo, de modo a se preparar para evangelizar e aconselhar. Essa preparação deve alcançar líderes, membros e congregados, oferecendo ferramentas bíblicas e pastorais para lidar com pessoas com tais inclinações ou já inseridas no contexto LGBTQIAP+. Trata-se de reconhecer que conceitos pré-

estabelecidos e preconceitos podem existir tanto no meio cristão quanto no próprio grupo, e que somente uma abordagem alicerçada na verdade e no amor poderá abrir espaço para o diálogo e o anúncio do evangelho.

Assim, o propósito deste artigo é sensibilizar líderes e comunidades evangélicas quanto à necessidade de preparo bíblico e empático para esse desafio. Propõe-se estimular a aquisição de conhecimento, por meio de estudos, palestras e formação teológica, de forma que adolescentes, jovens e adultos estejam aptos a responder com clareza e amor às questões que surgem. Afinal, muitos crentes genuínos também podem lutar silenciosamente com tais inclinações, vivendo em piedosa renúncia, mas constrangidos pelo medo do preconceito. O objetivo último é que o evangelho de Cristo seja proclamado com fidelidade e acolhimento, conduzindo pessoas à reflexão de sua postura diante das Escrituras e oferecendo esperança de transformação em Cristo.



2 REFERENCIAL TEÓRICO

A homossexualidade, enquanto fenômeno social e espiritual apresenta diferentes abordagens, que, na literatura cristã, podem ser classificadas em três grandes eixos: bíblico- teológico, pastoral e missiológico.

2.1 ABORDAGEM BÍBLICO-TEOLÓGICA

Kevin DeYoung (2015) defende, a partir de uma leitura literal e histórica das Escrituras, que a prática homossexual é incompatível com o plano original de Deus. Para ele, Gênesis 1–2 estabelece a complementaridade entre homem e mulher como fundamento do matrimônio, e textos como Romanos 1 confirmam que a homossexualidade é consequência da queda e da rejeição de Deus. DeYoung enfatiza que não cabe à igreja adaptar o ensino bíblico às pressões culturais, mas permanecer fiel ao que a Palavra de Deus afirma.

Nancy Pearcey (2021), argumenta que a identidade sexual não pode ser redefinida a partir de inclinações ou desejos, mas deve ser compreendida à luz do corpo criado por Deus. O corpo, segundo ela, é portador de um propósito, possui teleologia, e expressa o desígnio do Criador. Rejeitar esse testemunho biológico equivale a rejeitar o próprio chamado divino inscrito na criação. Assim, a prática homossexual ou a adoção de identidades de gênero alternativas não são apenas escolhas pessoais, mas reflexos de uma ruptura mais profunda entre criatura e Criador. Nesse sentido, Pearcey reforça a compreensão bíblica de Gênesis 1–2: Deus fez homem e mulher como expressão complementar de sua imagem, e essa realidade deve ser acolhida como boa e ordenadora da vida.

Rebeca McLaughlin (2019, p. 88) argumenta que a Bíblia apresenta o corpo humano como intencionalmente criado por Deus, e, portanto, a identidade sexual deve ser entendida em conformidade com essa criação. Rejeitar essa perspectiva, segundo a autora, resulta em uma compreensão fragmentada da pessoa, que separa corpo e identidade, contrariando o propósito divino revelado nas Escrituras.

Pedro Dulci (2020), por sua vez, reconhece que muitos cristãos experimentam inclinações homossexuais e que isso não os torna menos dignos da graça de Cristo. Para o autor, a identidade verdadeira do ser humano está enraizada em Cristo, e não em desejos ou inclinações. Tal perspectiva aponta para a possibilidade de regeneração e santificação, ainda que o processo envolva luta contínua contra inclinações pecaminosas.

2.2 ABORDAGEM PASTORAL

Gary Collins (2004) traz contribuições práticas ao destacar a importância do aconselhamento cristão. O autor relata que muitos indivíduos que lutam com atração pelo mesmo sexo carregam sentimento de culpa, vergonha e rejeição. Para ele, o papel da igreja deve ser o de oferecer acolhimento, discipulado e acompanhamento pastoral, sem relativizar a verdade bíblica, mas também sem excluir aqueles que buscam ajuda.

Timothy Keller (2014) acrescenta que o evangelho deve ser apresentado de forma centrada em Cristo, evitando os extremos do moralismo e do relativismo. A igreja deve acolher todos os pecadores, sem distinção, e, ao mesmo tempo, proclamar a necessidade de arrependimento e transformação. Keller reforça que a comunidade cristã deve ser um espaço de graça, onde pessoas com diferentes lutas possam experimentar o poder do evangelho.

Segundo Rebeca McLaughlin (2021, p. 45), a identidade sexual não deve ser tratada apenas como questão de comportamento, mas compreendida à luz da visão bíblica do corpo como criação divina. A autora enfatiza que reconhecer o corpo como expressão da imagem de Deus permite que questões relacionadas à sexualidade sejam abordadas com clareza e compaixão, sem reduzir os indivíduos a seus desejos ou comportamentos.

É também o que a autora Nancy Pearcey (2021), enfatiza. Ela defende que a questão da identidade sexual não deve ser tratada apenas como um problema de comportamento, mas como uma crise mais profunda de cosmovisão. Para ela, a cultura contemporânea adota um dualismo mente-corpo, onde os sentimentos e desejos psicológicos são considerados mais “reais” que o corpo biológico. Assim, o sexo biológico pode ser desprezado em nome de uma identidade construída subjetivamente. A autora adverte que essa fragmentação da pessoa humana resulta em sofrimento e perda de sentido, pois rompe com a visão bíblica integradora de que corpo, mente e espírito foram criados por Deus como uma unidade significativa.

2.3 ABORDAGEM MISSIONAL

Do ponto de vista missionário, Goheen (2017) argumenta que a igreja deve se ver como enviada por Deus para testemunhar o evangelho em todos os contextos culturais. Isso significa que grupos como a comunidade LGBTQIAP+ não devem ser tratados como inimigos, mas como parte do campo missionário. Goheen adverte contra dois perigos: a imposição cultural (etnocentrismo) e a diluição da mensagem (relativismo). O desafio é anunciar a verdade de forma contextualizada, sem perder a fidelidade bíblica.

Um ponto crucial levantado por Pearcey (2021), é que o movimento cultural que sustenta identidades LGBTQIAP+ se apoia em uma filosofia que despreza o corpo como revelação da verdade sobre quem somos. Ela chama isso de “teoria da pessoalidade”, segundo a qual o “eu verdadeiro” não está no corpo, mas na autoconsciência ou nos desejos internos. Essa visão secular contrasta radicalmente com a perspectiva cristã, que vê o corpo como parte integrante da identidade pessoal e expressão da imagem de Deus. A autora sugere que, ao evangelizar em contextos de conflito moral, é essencial mostrar que o cristianismo não é um discurso de repressão, mas de restauração da integridade da pessoa como corpo e alma diante de Deus.

Pearcey (2021), também insiste na importância de comunicar o evangelho com uma linguagem positiva e encarnacional. Em vez de reduzir a mensagem cristã a uma lista de proibições, a igreja deve apresentar a boa notícia de que o corpo é um dom divino, que aponta para a identidade em Cristo e para a vida abundante. Ela mostra, inclusive, testemunhos de pessoas que experimentaram transformação não apenas no nível do comportamento, mas na forma como compreenderam seu próprio corpo e identidade. Assim, a mensagem cristã torna-se não uma carga de culpa, mas um convite à reconciliação consigo mesmo e com o Criador, por meio de Cristo.

A estudiosa Rebecca McLaughlin observa que a cultura contemporânea frequentemente promove uma visão que dissocia identidade e corpo, encorajando a construção subjetiva da identidade sexual (McLaughlin, 2021, p. 102). Ela sustenta que essa abordagem é problemática e que a igreja deve oferecer uma compreensão integrada da pessoa humana, que respeite a dignidade do corpo e reafirme a identidade conforme a criação divina. McLaughlin (2019, p. 156) destaca que a igreja tem o papel de afirmar a dignidade do corpo humano e a integridade da identidade sexual, conforme criada por Deus. Ao comunicar essa perspectiva, o evangelho proporciona um caminho de restauração e transformação, oferecendo esperança e orientação para aqueles que enfrentam conflitos sobre sua identidade sexual.

2.4 ABORDAGEM CIENTÍFICA

Pesquisas recentes em genética e psicologia sugerem que fatores biológicos podem influenciar a orientação sexual, mas não determinam de forma absoluta a identidade de uma pessoa (Science, 2019). Isso abre espaço para uma leitura cristã que reconheça a complexidade do tema sem perder a convicção bíblica de que inclinações não determinam destino espiritual. Assim como qualquer outra inclinação pecaminosa, também a atração pelo mesmo sexo pode ser submetida ao processo de santificação em Cristo.

Nancy Pearcey (2021, p. 57) ressalta que toda célula do corpo humano carrega o mesmo código genético que define o sexo biológico de uma pessoa desde a concepção. Esse dado científico, afirma a autora, demonstra que a identidade sexual está inscrita na própria constituição biológica, e não é uma construção meramente cultural ou psicológica. Pearcey argumenta que, ao ignorar a linguagem objetiva do corpo, a cultura contemporânea promove uma fragmentação entre identidade e biologia que leva o indivíduo a uma autocompreensão distorcida, contrastando com a visão bíblica de unidade entre corpo e alma.

Do ponto de vista da biologia molecular, estudos como os de Bruce Alberts em *Biologia Molecular da Célula* (2017) confirmam que o DNA presente em cada célula contém a informação genética que determina características fundamentais, incluindo o sexo biológico. O cromossomo sexual — XX para fêmeas e XY para machos — está presente em praticamente todas as células do corpo, funcionando como uma marca permanente e inalterável. Esse dado científico reforça a tese de que a identidade biológica é imutável no nível celular, ainda que haja tentativas de redefini-la em termos subjetivos.

Em complemento, Francis Collins (2007), no livro *A Linguagem de Deus*, observa que a informação genética funciona como um “manual de instruções” inscrito pelo Criador em cada célula. Para ele, a descoberta do genoma humano não apenas reforça a compreensão científica do sexo biológico, mas também aponta para um desígnio inteligente que confere sentido à vida e à identidade corporal. Assim, ciência e fé, em vez de serem concorrentes, convergem para afirmar a realidade da criação divina expressa no corpo humano.

Além disso, estudos recentes em genética, como o consórcio internacional publicado na *Science* (GAUTIER et al., 2019), indicam que, embora haja fatores ambientais e epigenéticos que

influenciem comportamentos e tendências, não existem “genes da homossexualidade” que determinem de forma absoluta a orientação sexual. Esses achados confirmam que a atração ou inclinação não é uma identidade biológica, mas uma experiência multifatorial, distinta da realidade objetiva da identidade sexual determinada geneticamente.

Diante disso, a abordagem científica respalda a visão de que o corpo humano carrega em si uma verdade inegociável: a informação genética presente em cada célula confirma a identidade sexual como parte estrutural da criação. Esse dado fortalece a compreensão cristã de que não há dicotomia entre corpo e identidade, mas uma unidade que deve ser acolhida como reflexo do desígnio divino.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza teórica e bibliográfica, fundamentado em uma abordagem qualitativa e exploratória. O objetivo central consistiu em analisar as diferentes perspectivas cristãs acerca da homossexualidade, segmentadas pelos eixos bíblico-teológico, pastoral, missiológico e científico. Para tanto, utilizou-se o método dedutivo, partindo das premissas gerais das doutrinas da criação e da queda para compreender as implicações específicas na identidade e no comportamento humano contemporâneo.

O levantamento bibliográfico foi realizado a partir de uma seleção criteriosa de obras referenciais e artigos científicos publicados entre os anos de 2004 e 2021. O corpus documental incluiu autores de relevância internacional e nacional no cenário teológico e científico, tais como Kevin DeYoung, Nancy Pearcey, Timothy Keller e Francis Collins. A escolha dessas fontes justificou-se pela autoridade teórica dos autores no debate sobre a cosmovisão cristã e a relação entre fé e ciência, permitindo uma análise interdisciplinar que integra a teologia sistemática, o aconselhamento pastoral e a biologia molecular.

O procedimento de análise dos dados deu-se por meio da técnica de análise de conteúdo. Inicialmente, procedeu-se à leitura exploratória dos textos para identificação dos núcleos temáticos principais: a complementaridade de gênero em Gênesis, a teleologia do corpo e a ausência de determinismo genético absoluto na orientação sexual. Em seguida, os dados foram categorizados e confrontados, buscando estabelecer um diálogo entre a imutabilidade do sexo biológico no nível celular e as implicações pastorais do acolhimento e da santificação no contexto eclesial.

A estruturação dos resultados respeitou a integração entre a evidência científica e a exegese bíblica. A análise buscou demonstrar como a literatura atual refuta o dualismo mente-corpo e reafirma a unidade psicossomática do ser humano. Todo o processo de redação e citação seguiu rigorosamente as diretrizes da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), garantindo a fidedignidade das fontes e a coerência acadêmica necessária para a discussão de um tema de alta complexidade social e espiritual.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise da literatura revela um panorama complexo. A igreja é chamada a manter fidelidade bíblica, mas também a desenvolver empatia e sensibilidade missionária. O silêncio ou a rejeição têm levado muitos jovens cristãos com inclinações homossexuais ao isolamento e, em alguns casos, ao abandono da fé. Isso mostra que a ausência de preparo pastoral tem consequências práticas e espirituais sérias.

Entre os principais desafios identificados, destacam-se:

- A falta de preparo teológico – muitos líderes não sabem como lidar com o tema e preferem evitá-lo, o que reforça tabus.
- O risco do extremismo – de um lado, comunidades que rejeitam de forma hostil pessoas lgbtqiap+; de outro, igrejas que relativizam a escritura para agradar à cultura.
- O preconceito interno – crentes com inclinações homossexuais sentem-se constrangidos em compartilhar suas lutas por medo de discriminação.
- Por outro lado, os resultados apontam possibilidades:
 - Educação bíblica e pastoral – a inserção do tema em estudos, palestras e discipulados pode trazer clareza e acolhimento.
 - Aconselhamento cristão – segundo collins, a escuta empática e o discipulado são ferramentas fundamentais para apoiar indivíduos em luta.
 - Missão contextualizada – conforme goheen, a evangelização deve ser relacional e fiel à escritura, apresentando cristo como resposta às inquietações identitárias da cultura.

Sendo assim, a análise realizada ao longo deste trabalho evidencia que a evangelização em contextos de conflito moral e identitário exige da igreja uma preparação integral, que combine firmeza

bíblica, sensibilidade pastoral, discernimento científico e empatia cultural. Os resultados apontam para a necessidade de um engajamento consciente que não reduza a complexidade do tema a respostas simplistas, mas que, ao mesmo tempo, não relativize a verdade das Escrituras.

Do ponto de vista bíblico-teológico, confirma-se que a identidade sexual é uma dádiva inscrita na criação, fundamentada no relato de Gênesis 1–2, no qual Deus cria homem e mulher como expressão de sua imagem e complementaridade. Os autores estudados — DeYoung (2015), Dulci (2020) e McLaughlin (2019, 2021) — reforçam que a prática homossexual e a ideologia de gênero não se enquadram no padrão criacional de Deus, ainda que devamos reconhecer que tais inclinações e práticas podem ser transformadas pela graça redentora de Cristo. O pecado, seja ele expresso em adultério, lascívia ou distorções da sexualidade, não é irreparável, mas pode ser abandonado em uma vida piedosa de fé e santificação.

No campo da abordagem pastoral, percebe-se que o silêncio ou a superficialidade do discurso sobre sexualidade nas igrejas tem deixado cristãos vulneráveis, sem ferramentas para lidar com suas próprias inclinações ou para evangelizar aqueles que já se identificam com o movimento LGBTQIAP+. McLaughlin (2021) lembra que a mensagem cristã deve ser comunicada com clareza, mas também com compaixão, de modo que indivíduos não se sintam reduzidos a seus desejos, mas reconhecidos em sua dignidade como imagem de Deus. Pearcey (2021) acrescenta que a pastoral deve partir de uma visão positiva do corpo, ensinando que nossa biologia não é um acidente, mas uma expressão do cuidado divino. Isso sugere que os resultados da evangelização são mais eficazes quando se adota uma linguagem encarnacional, que acolhe e respeita, em vez de apenas impor condenações.

No aspecto científico, a discussão reforça que a identidade sexual está impressa na constituição genética de cada indivíduo. Pearcey (2021) aponta que toda célula do corpo humano carrega o mesmo DNA, que determina o sexo biológico desde a concepção. Alberts (2017) confirma que os cromossomos sexuais (XX e XY) são uma marca permanente e inalterável em praticamente todas as células, constituindo uma evidência clara da identidade sexual imutável. Collins (2007), ao refletir sobre o genoma humano, reconhece a existência de um design inteligente inscrito no DNA, que aponta para o Criador. Esses achados científicos refutam a noção de que identidade sexual pode ser redefinida subjetivamente, pois demonstram que ela é uma realidade objetiva inscrita no corpo. Além disso, pesquisas recentes (GAUTIER et al., 2019) descartam a existência de um “gene gay” determinista, mostrando que a orientação sexual resulta de fatores múltiplos, sem alterar a base biológica do sexo.

Na dimensão cultural, percebe-se que um dos grandes desafios da evangelização está no confronto com a filosofia contemporânea que Pearcey chama de dualismo mente-corpo. Segundo ela, a cultura atual tende a considerar o “eu psicológico” como mais real do que o corpo, separando identidade de biologia. Essa mentalidade fragmentada contribui para que identidades LGBTQIAP+ sejam concebidas como construções válidas independentemente da anatomia. A cosmovisão cristã, no entanto, insiste em uma visão integrada do ser humano, em que corpo, alma e espírito refletem juntos a imagem de Deus. A discussão mostra que esse contraste de visões é um dos principais pontos de tensão na missão da igreja hoje.

Os resultados indicam também que a evangelização empática e instruída é capaz de romper preconceitos de ambos os lados. Se, por um lado, muitos cristãos evangélicos carregam visões reducionistas e preconceituosas, por outro, parte da comunidade LGBTQIAP+ tem uma percepção caricatural da fé cristã como meramente repressiva. Nesse sentido, Pearcey (2021) e McLaughlin (2019) concordam que a igreja deve apresentar a mensagem bíblica não como uma negação da identidade, mas como um convite à restauração integral da pessoa em Cristo, o que inclui a reconciliação entre corpo, mente e coração.

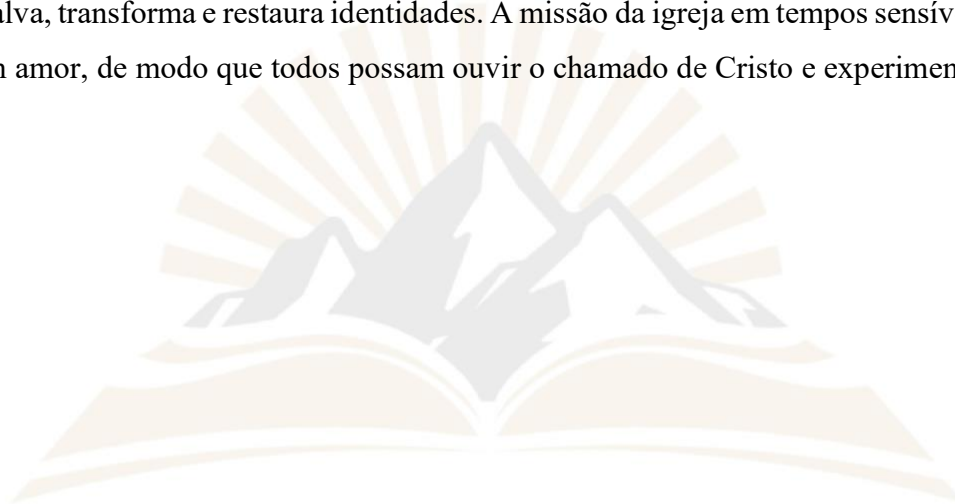
Em suma, a discussão demonstra que o preparo bíblico, pastoral, científico e cultural é indispensável para que a igreja se posicione com firmeza e amor em contextos de conflito moral e identitário. Os resultados não apenas confirmam a urgência de um engajamento consciente, mas também revelam que a abordagem cristã tem recursos únicos para oferecer esperança e sentido a indivíduos que sofrem com tensões de identidade, mostrando que o evangelho é suficientemente poderoso para reconciliar todas as dimensões da existência humana. Portanto, a igreja precisa unir convicção e compaixão. Convicção, para não relativizar a verdade bíblica; compaixão, para não excluir pessoas que necessitam da graça de Cristo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou que a homossexualidade, embora bíblicamente classificada como pecado, não pode ser tratada apenas como tabu ou como questão irrelevante pela igreja. Ao contrário, trata-se de um desafio pastoral e missionário urgente. A literatura estudada confirma que o ensino bíblico é claro sobre a identidade sexual, mas também aponta que a resposta cristã deve ser marcada pela empatia e pelo acolhimento pastoral.

O artigo conclui que a igreja precisa investir em formação bíblica, pastoral e missiológica para lidar com o tema de forma madura. Isso envolve capacitar líderes, promover palestras, oferecer aconselhamento e criar espaços seguros de escuta e discipulado. Dessa forma, a comunidade cristã poderá acolher tanto aqueles que já fazem parte da igreja e lutam com tais inclinações quanto aqueles que estão fora dela, mas que podem ser alcançados pelo evangelho.

O chamado para a igreja, portanto, é viver em equilíbrio: firmada na Palavra e guiada pelo Espírito. Não se trata de endossar práticas contrárias ao ensino bíblico, mas de proclamar Cristo como aquele que salva, transforma e restaura identidades. A missão da igreja em tempos sensíveis é oferecer a verdade em amor, de modo que todos possam ouvir o chamado de Cristo e experimentar sua graça redentora.



6 REFERÊNCIAS

ALBERTS, Bruce et al. I. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

_____, *BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA*. Barueri, SP: Cultura Cristã; Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

_____, *BÍBLIA MISSIONÁRIA DE ESTUDO*. Almeida Revista e Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

_____, *BÍBLIA NA LINGUAGEM DE HOJE*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

_____, *BÍBLIA SAGRADA*. Almeida Revista e Corrigida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; WENHAM, G. J. *Comentário bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

COLLINS, Francis S. *A linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que Ele existe*. São Paulo: Gente, 2007.

COLLINS, Gary R. *Aconselhamento cristão*. 21. ed. São Paulo: Vida Nova, 2004.

DEYOUNG, Kevin. *O que a Bíblia fala sobre homossexualidade?* São José dos Campos, SP: Fiel, 2015.

DULCI, Pedro. *Identidade e sexualidade: reformando nossa visão de conceitos fundamentais*. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2020.

GAUTIER, G. R. et al. *Large-scale GWAS reveals insights into the genetic architecture of same-sex sexual behavior*. *Science*, v. 365, n. 6456, p. eaat7693, 2019. DOI: 10.1126/science.aat7693.

GOHEEN, W. M. *A missão da igreja hoje*. Viçosa, MG: Ultimato, 2017. KELLER, Timothy. *Igreja centrada*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

MCLAUGHLIN, Rebecca. *The Secular Creed: Engaging 5 Contemporary Claims*. Wheaton: Crossway, 2021.

MCLAUGHLIN, Rebecca. *Confronting Christianity: 12 Hard Questions for the World's Largest Religion*. Wheaton: Crossway, 2019.

RIBEIRO, Hugues Costa de França. *Sexualidade, gênero e teoria queer*. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 22, n. 2, p. 1-15, 2011. DOI: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v22i2.228>. Acesso em: 29 set. 2025, 10h25.

O GLOBO. *Cientistas identificam dois genes relacionados à homossexualidade*. Rio de Janeiro: O Globo, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/cientistas-identificam-dois-genes-relacionados-homossexualidade-22165985>. Acesso em: 26 set. 2025, 7h52.

PEARCEY, Nancy R. *Ama teu corpo: contrapondo a cultura que fragmenta o ser humano criado à imagem de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021. 1. ed. 374 p. ISBN 978-65-86146-40-0

